

17-09-2024

"VIDAS SECAS"

“Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrerá na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia [a cachorra] jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto. Agora, enquanto parava, dirigia as pupilas brilhantes aos objetos familiares, estranhava não ver sobre o baú de folha a gaiola pequena onde a ave se equilibrava mal.” (Vidas Secas, 1978, p.11)

Chiara Lages

[Bibliotecária]

O título dessa nossa conversa alude ao romance “*Vidas Secas*” (1938), de Graciliano Ramos. Na epígrafe, um recorte da saga da família do personagem *Fabiano* sem suavizar a dureza, a secura dessa gente cujo destino é se refugiar para sobreviver até morrer. Sem escola, sem letramento, são escravizados por um teto e um prato de comida sem sequer entenderem que seu trabalho está sendo explorado. Sei que muitos leram esse livro e que tantos mais vivenciaram essa indigna realidade social dos sertanejos retirantes da miséria e da fome. Mas a motivação em falar ao “*coração grosso*” dos sertanejos desterrados foi provocada pela “*interpretação imagética e anacrônica*”, de [Agnes Garal](#) (Opinião, 10/09/24), do poema de Ramazzini. Curiosidade, anacronismo e arte, ingredientes que apimentam a pesquisa e a construção do conhecimento, me arrepiaram diante da pintura de Castellane (1977) retratando “*Cientistas e Pesquisadores Ilustres*”, que marcaram a implantação da “*medicina experimental no Brasil*” no contexto da revolução microbiológica da virada do século XIX/XX. Arthur Neiva - representado logo atrás à direita de Oswaldo Cruz, que ocupa posição de destaque ao centro da pintura - junto a Belisário Penna, realizou expedição científica “*por uma das zonas flajeladas*” dos sertões (Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás). O relatório dessas viagens (out.-nov. 1912), requisitadas pela Inspetoria de Obras contra a Seca, foi divulgado inicialmente como artigo científico de circulação restrita ([Lima](#), 2009). Tendo burros como meio de locomoção, estudaram o clima, a fauna, flora, geografia, história, colheram depoimentos da gente dos povoados, identificaram a distribuição de doenças, inclusive a morte de animais (epizootias), caracterizaram o isolamento cultural, o analfabetismo, a pobreza, o semiescravidão e ilustraram com riqueza de fotografias e ‘causos’ as condições de vida e trabalho... com o objetivo de “*incrementar o potencial produtivo daquelas regiões visando a sua modernização*” ([Sá](#), 2009; [Lima](#), 2009). Segundo o relato de Neiva e Penna, *sertanejos seriam atrasados, indolentes, fatalistas e fracos não por qualquer insuficiência decorrente de cruzamentos raciais (pauta central do debate sobre a identidade nacional no século XIX), mas porque sofreriam de doenças plenamente evitáveis, como ancilostomose, impaludismo e doença de Chagas, sobretudo no então norte de Goiás, região hoje conhecida como o estado do Tocantins* (Lima, Hochman, 1996).

Como bibliotecária, celebro o relatório Neiva-Penna e outros desse período como o do adoecimento e morte dos trabalhadores nas obras da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré/RO (Oswaldo Cruz e Carlos Chagas). E posso dizer que, a julgar pelos critérios atuais, em especial dos comitês de ética em pesquisa, esses pesquisadores e o próprio Oswaldo Cruz enfrentariam dificuldades na publicação de seus relatos. A expedição aos sertões tornou-se amplamente conhecida pela publicação, a partir de 1916, em diversas revistas de letras e ciências despertando a sociedade da época para os “socialmente indesejáveis” sertanejos. Realidade exposta sem hipocrisias pelo romancista Graciliano Ramos (Quebrângulo/AL, 1892 - Rio de Janeiro, 1953), contemporâneo pois das revelações dos sertões ao país. Alagoano, comunista, jornalista e cronista, de olhar crítico e sagaz, como prefeito de Palmeira dos Índios/AL (1927-1930), deixou relatórios com toque de ironia que revelam a exploração do coronelato de então. Como no trecho “*Pobre povo sofredor - É uma interessante classe de contribuintes, módica em número, mas bastante forte. Pertencem a ela negociantes, proprietários, industriais, agiotas [...] Bem comido, bem bebido, o pobre povo sofredor quer escolas, quer luz quer estradas, quer higiene. É exigente e resmungão. Como ninguém ignora que se não obtém de graça as coisas exigidas, cada um dos membros desta respeitável classe acha que os impostos devem ser pagos pelos outros*” ([Relatório de Graciliano Ramos](#), 1930, p.20). Encerro com “*Os Retirantes*” (escultura em barro do pernambucano Mestre Vitalino) e a pergunta: Com o Brasil em chamas, a seca no Cerrado e na Amazônia e a desertificação do agreste, para onde iremos nos retirar?



■ ■ ■

Fontes: Graciliano Ramos. *Vidas Secas*. Rio, São Paulo: Record. 1978; // *Vidas Secas*, Nelson Pereira dos Santos. Filme Herbert Richers. 1963; // *Vidas Secas*. Resumo em *Animação*. 2017. // *Sá DM de. Uma interpretação do Brasil como doença e rotina: a repercussão do relatório médico de Arthur Neiva e Belisário Penna (1917-1935)*. *Hist cienc saude-Manguinhos*, 16:183-203, 2009; // Arthur Neiva & Belisario Penna. *Viajem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiaz*. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, 8 (3), 1916. // Lima NT. *Uma brasileira médica: o Brasil Central na expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna e na viagem ao Tocantins de Julio Paternostro*. *st cienc saude-Manguinhos*, 16:229-48, 2009.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.